

JORNAL: O Globo LOCAL: Quorambara

DATA: 04/09/1965 AUTOR: _____

TÍTULO: Como vai a nossa arte? Como você se situa nela?

ASSUNTO: Ivan Serpa e outros respondem às duas perguntas que dão título à reportagem.



Como vai a nossa arte?
Como você se situa nela?

IVAN SERPA:

- 1 — Acho que os jovens desconhecidos do grande público é que estão fazendo a nossa arte ir para frente.
- 2 — Não cabe ao pintor situar-se. O único dever do pintor é fazer aquilo que é certo. Procuo uma fusão de elementos precisos que dependem de um raciocínio e de uma lógica, e ao mesmo tempo uma desagregação dos elementos. O quadro é feito à base de precisão e imprecisão. Ou melhor, como imprecisão quero dizer um sentimento de momento, a exteriorização de um momento.

DORA BASÍLIO:

- 1 — Nossa arte vai ótima, com enorme desenvolvimento; e o que é o principal — a juventude está realmente interessada.
- 2 — Situio-me como uma pessoa que procura ajudar e difundir o que realmente há de bom dentro da pintura brasileira.

ROBERTO

DELAMONICA:

- 1 — De dez anos para cá tivemos um movimento bem acentuado em todas as artes, principalmente nas artes plásticas, devido a oportunidades de contatos. Um destes contatos é a Bienal de São Paulo, que nos torna atualizados e provoca avidez de nos atualizarmos.
- 2 — Procuro, primeiro, ser autêntico. Dizer as coisas de modo atualizado, mas sempre com caráter pessoal. Levo muito em conta a interpretação pessoal das coisas, principalmente na minha gravura. Tenho oportunidades de ver muitas coisas e que servem de agente catalizador, porém sempre levando em conta o cunho pessoal.

ZÉLIA SALGADO:

- 1 — A nossa arte vai produzindo. Há movimento e interesse. Mostra que os nossos artistas estão trabalhando.

- 2 — Situio-me na corrente moderna. Cada um tem de se ligar a sua época. O passado é belo mas já ficou para trás e as únicas correntes vivas são as atuais, que são as expressões de nosso tempo.

ADIR BOTELHO

- 1 — Várias são as dificuldades impostas ao artista brasileiro, porque, apesar da frequência internacional nas bienais de São Paulo, carece êle de um confronto mais imediato com centros de artes de todo o mundo. Com tudo isso impressiona o desabarço dos mais jovens, manifestado na multiplicidade de suas pesquisas e atitudes.
- 2 — Em nosso trabalho nos obrigamos sempre ao encontro de uma verdade de expressão, com todas as sutilezas do último momento e as contingências de sua realização. É absoluto o ato de fazer do artista.

CARLOS SCLIAR:

- 1 — Como vai a nossa arte? Sofrendo os rigores da temperatura geral.
- 2 — Trabalho há muito tempo e francamente não sei como me situar. Talvez como independente. Tentando fazer aquilo o que considero minha melhor contribuição para o panorama brasileiro. Felizmente estou mudando todos os dias. A mudança é em profundidade, só me dou conta dela quando estou saindo para outra. E no mais, como parte do panorama geral, sujeito a chuvas e trovoadas.

ISABEL PONS:

- 1 — Nossa arte está evoluindo e crescendo bastante em ritmo bem mais acelerado que há poucos anos atrás. Acho que as Bienais de São Paulo, que buscam intercâmbio artístico e reciprocidade de informações, têm contribuído muito para isto.
- 2 — Em nossa arte, me situo como uma gravadora a mais dentro de um excelente grupo de gravadores.